

Ver morrer

Para Gil Smith Vargas

NENHUMA CRIANÇA DEVE SER AFASTADA DO REAL. O ADULTO DEVE ENTRAR NA REALIDADE COM ELA DE MÃO DADA (?) OS ADULTOS QUE EXPLICAM MERECEM A CRIANÇA. OS QUE MANDAM CALAR E SAIR DO QUARTO, NÃO A MERECEM.

A morte é um facto. Acontece a todos. Donde, a morte é um facto social, não derivado da divisão social do trabalho conforme o mito. Temos um corpo que precisa de ser alimentado e para o alimentar, converte-se a matéria em bens que são mal pagos; o tempo gasto em salários, vai tirando força ao corpo, até este rebentar. Facto social cantado, pintado, escrito, referido. Em 1791, Mozart descreveu a morte em música, tal como fez Domingos Bomtempo em 1819, ou Franz Schubert em 1824, ao cantar a morte de uma donzela. Também El Greco com seu *Enterro do Conde de Orgaz* de 1527; Goya, durante o seu exílio em Bordeaux nos anos 1810 a 1815, desenha a sua morte, e Picasso, nos anos 30 do Século XX, representa a desapareição de milhares de seres humanos no seu imponente *Guernica*, o que inigualável pintar o facto de morrer. Goethe foge da ideia no seu *Faustus* de 1808, Freud analisa os sentimentos que resultam da morte no seu *Mourning and Melancholy*? de 1916, Delumeau fala do medo que causa, nos seus textos de 1978 e 1983, para a idealizar a mudança do corpo em alma, em 1992, no seu *Histoire du paradis*. Le Goff desentranha a existência de outra vida, ao relatar, na Gallimard de 1983, *La naissance du Purgatoire*. Até encontrarmos essas duas magnificas obras, a de Dante ou *Divina Comédia* de 1302, e a de Marguerite Yourcenar e essa associação entre o morrer e sublimar o amor, quer no seu *L'Oeuvre au Noir* de 1968, ou na magnífica *Memorias de Adriano* de 1974, poemas escritos em esculturas para manter viva a memória do seu amado. Vamos esquecer desta vez, Klein e Sampaio. Como também, *A morte em Portugal* de Feijó e Pina Cabral. Todos adultos a falarem da sua subjectividade perante a morte, esquecendo a criança.

Quem fala, então, da dor da criança perante a agonia dos seus adultos? Quem refere a análise do comportamento dos mais novos, perante factos que não lhes são explicados mas que acabam por roubar, sem eles saberem, as pessoas queridas, serenas e brincalhonas, que os acompanharam durante um curto espaço de tempo que é a sua vida? A morte pode ser cantada, desenhada, explorada, divinizada e elevada ao amor eterno. O simples facto de uma criança observar a passagem da pessoa amada, com inocência e carinho, da actividade ao repouso obrigatório, ao não se movimentar, é tudo o que o adulto, que nem pinta nem escreve, é incapaz de explicar. Pensa-se que o mais novo não entende. E eis o ponto importante, não entende. Porque não entende, deve-se explicar, contar, falar, lembrar, pedir ajuda para organizar o espólio, e, especialmente, chorar juntos. Emerge a minha inquietação de ter visto um menino não saber o que se passava com um adulto seu parente. Vi-o pedir para ser levado e assim saber e depois, calar. Dentro da epistemologia dos seus sentimentos, dos seus valores de ser humano novo, a passagem da vida para a morte, não tem lógica. É um roubo sem explicação. É o roubo do seu brinquedo preferido, da pessoa que o acarinhava, com quem passeava para outras terras, o seu cúmplices na guloseima proibida por adultos genealogicamente situados entre o amado e o pequeno, um adulto maior tão amado, ao ponto de ser objecto das suas brincadeiras: *“És velha, vais morrer, cala-me essa boca?”*, enquanto esta agonia não era real. Com que palavra seria agora possível explicar que o futuro com essa pessoa está a acabar? Como dizer que o ser humano passa de matéria a memória ritualmente cultivada ao lembrar o que fizeram juntos?

Não resistimos e levámos a criança para ver a sua avó. Pensámos que poderia fugir e definimos o caminho de volta. Qual ameaça, qual falta de confiança nos sentimentos do mais novo? Esse que não só não fugiu, mas que ainda ajudou a molhar os lábios secos. Um comportamento calmo, sereno, de um não adulto, que percebeu que chorar não adiantava, mas dar a água, sim. E, para nossa surpresa, ficou bem, e colaborou o tempo todo. Vencida a curiosidade de como era a morte, já não quis voltar mais, já sabia o que a casa gastava: em agonia, a sua avó já não estava. É uma vida que o mais novo não sabe entender porque os seus adultos não lhe sabem explicar. Perante a morte há um vazio. Não é por acaso que Alice Miller em 1998 diz que *a verdade que te há de te tornar livre*. Frase do título do seu livro como ultrapassar a cegueira emotiva e desenvolver na infância a semente do adulto. Semente porque ninguém quer que a criança saiba entender o que o adulto acumulou no seu saber. Semente, porque fica na sua memória pessoal para o dia em que precisar de o usar. Livre, porque o mais novo passa assim, a ser parte das decisões de família. Família que está a viver um drama e que aprende que só unida, consegue suportar. Gostava que estas ideias, retiradas do meu trabalho de campo, servissem de apoio para os adultos que ainda se enganam quando pensam que a criança não adianta nem ajuda, se a verdade lhe é explicada a mais complexa e dolorosa, a do desaparecimento de um familiar. Uma criança não deve ser afastada do real. O adulto deve entrar nessa realidade com ela de mão dada. Foi o que esta criança me ensinou, como tanta pequenada ensina a tanto grandalhão, que apenas o sabe ser, se explicar a morte aos mais novos. Realidade difícil. Essa que se pode cantar, desenhado, analisar, romancear, como referi ao começo, mas nunca falar quando nós acontece. Os adultos que explicam, merecem a sua criança. Os que mandam calar e sair do quarto, não merecem a criança. É a lição proferida para mim, por um puto. Muito obrigado, rapaz.